



CIRCUITOS TEMÁTICOS

Rainhas e outras Senhoras

“Rainhas e outras Senhoras”

Guarnecida pela pureza austera das muralhas e adivinhando-se algum do seu interior, a partir do exterior, a entrada na vila faz sentir essa relação entre a beleza bucólica e horizontal do casario com o rendilhado das ameias e a verticalidade dos panos da muralha. Forçando o conceito, existe nesta relação algo de masculino e feminino. No equilíbrio e pragmatismo militar com a sensibilidade intrigante, porque misteriosa, de ruas e largos. Óbidos marca o encontro desses dois mundos que nunca se confrontam, pelo contrário, degustam-se mutuamente. No entanto, a vila com o seu ambiente histórico revela um *gosto* e um *zelo feminino*. Vítor Serrão, historiador de arte, referindo-se a Josefa de Óbidos, afirmou que a sua pintura possui uma “sensibilidade feminil”. A vila também. Não resistimos ao exagero de afirmar que, em Óbidos, *dos homens não reza a História*. No entanto, uma pergunta impõe-se: Terá a vila beneficiado da sua relação afectiva com as Senhoras da sua História? Acreditamos que sim, apesar disso é arriscado afirmar que o ambiente da vila só foi possível por essa relação, que esta seria impossível se invertêssemos o género que a tutelou.



Santa Catarina de Alexandria
Josefa d'Óbidos

A relação de Óbidos com as mulheres é longa, repleta de lendas e alguns factos. Princesas mouras e cristãs, rainhas, artistas e mulheres comuns deixaram um legado interessante e uma aura que se sente na vila, mas que, na sua explicação, não se compadece com grandes rigores científicos. A mulher está presente na religião, na arte ou no poder. Vila Mariana, por excelência,

assume nos oratórios das suas portas, nas capelas das suas igrejas, essa dimensão religiosa expressa na devoção a Nossa Senhora da Piedade, Nossa Senhora da Assunção ou Nossa Senhora do Rosário. A arte tem como maior representante e referência Josefa de Ayala e Cabrera, de tal forma que a própria pintora assinava as suas obras como “Josefa em Óbidos”. A simbiose resultou e hoje todos a conhecemos como Josefa d'Óbidos. O sentido locativo deu lugar a um sentido de posse, do qual a vila arreigadamente se orgulha. Mas onde a presença e a influência feminina se multiplica e prolonga por praticamente toda a cronologia da nossa nacionalidade

foi na relação da vila com o poder. Pertencendo ao património de rainhas e posteriormente à instituição *Casa das Rainhas*, Óbidos manteve uma relação de fidelidade institucional que, apesar de alguns arrufos, se manteve sólida. Ainda em 25 de Agosto de 1886 a Câmara Municipal decide oferecer a propriedade do Castelo à rainha D. Maria Pia de Sabóia. Recorde-se que a



Casa das Rainhas tinha sido extinta 53 anos antes! Óbidos é, naturalmente, um local de amores, mais do que paixões, porque requer algo com o qual a paixão não se compadece: tempo. Não se ama o que não se conhece e a vila revela-se à medida que mais gostamos dela. Foi assim que dela desfrutou Bocage quando veio a *ares* para Óbidos, procurando o seu ar puro para a convalescença dos seus males de saúde e de amor. Nos seus passeios pela vila não deixou de procurar a resolução para ambos, colecionando únicos amores tragicamente terminados. Gertrúria, Tirsea, Fílis e Inália são nomes gravados por Bocage na eternidade da sua obra literária, vividos de forma avassaladora e humana, carregando a perda permanente e a tragédia, como aconteceu com Inália, uma doente de tuberculose a *ares* em Óbidos. Mesmo quando os dias do fim encurtavam os tempos felizes de um amor sem futuro, Bocage tentou ser feliz no idílico cenário da vila, procurando nas senhoras

de Óbidos a panaceia para o seu mal.

ÓBIDOS E AS SENHORAS RAINHAS

Como se constata, é ancestral a relação da vila com as Rainhas de Portugal. No entanto, o uso recorrente da designação *Casa das Rainhas*, como referente a uma organização institucional, não dilui as

dificuldades de provar a sua existência, no período medieval, nesses moldes. A fundação ou instituição da *Casa das Rainhas*, segundo Manuela Santos Silva, a ser datada na sua origem seria no período de D. Filipa de Lencastre, mulher de D. João I. A partir desta altura estabiliza-se o património das rainhas em torno das seguintes terras: Óbidos, Sintra, Alenquer, Torres Novas, Torres Vedras e Alvaiázere. Sintomático do bom gosto feminino. D. Filipa procurou também assegurar a autonomia da sua filha D. Isabel que, por doação do monarca, passará a dirigir este património de forma veemente, pouco flexível aos pedidos dos habitantes locais. A autoridade era exercida dentro dos limites que

eram permitidos pelos diferentes reis. Se, por exemplo, D. Fernando foi um monarca que permitiu um poder quase total a estes territórios *senhoriados*, a tendência posterior foi a afirmação dos poderes reais nomeadamente em áreas como a Justiça. As terras eram sempre doadas vitaliciamente e em caso de morte da rainha regressavam à posse do rei. A relação da vila com as rainhas está documentada desde que D. Afonso II, por escritura de 7 de Dezembro de 1210, a doou à rainha D. Urraca. Outras rainhas se seguiram e as obras decorrentes deste estatuto sucederam-se. D. Isabel recebe a doação da vila depois do casamento com D. Dinis, e a esta rainha se deve um dos legados mais

profícuos, com a construção da capela de São Vicente (actual igreja de São João Baptista), da gafaria e a fundação do Convento de S. Domingos ou das *Donas Emparedadas*, no início do século XIV.

Em 15 de Agosto de 1441 a igreja de Santa Maria foi o local escolhido para a celebração do casamento régio de D. Afonso V com D. Isabel.

Outra importante ligação é a da rainha D. Leonor com a vila. Provavelmente, é a esta senhora que se deve o considerável enriquecimento do património artístico com a campanha de obras da igreja de Santa Maria, na transição do século XVI para XVII, ou a fundação da Misericórdia de Óbidos, para além de que terá sido nesta vila que a rainha se refugiou durante o luto pela morte do seu filho D. Afonso.

Uma outra rainha ficou associada de forma indelével à história de Óbidos: D. Catarina de Áustria, mulher de D. João III. Em moldes renascentistas, onde um novo quadro de responsabilidade social se instala na relação entre Senhor (no caso Senhora) e população, surge um documento de grande interesse denominado "Título e Contrato". Resumidamente, implica um contrato entre a Rainha e a população para a construção de um aqueduto (1573) e as suas estruturas de abastecimento público a jusante, em troca da fértil várzea a oeste da vila. Óbidos, depois de ter sido

FICAM OS ECOS DESTES AMORES NAS RIMAS DE BOCAGE:

*Às águas e às areias deste rio,
Às flores, e aos favónios deste prado,
Meus danos conto, minhas mágoas fio
Dou queixas contra Ismene, Amor e ao Fado.*

*Tão maviosos são meus ais mesquinhos,
Tanto pode a paixão que em mim suspira,
Que se esquecem das mães os cordeirinhos.*

*O vento não se mexe, nem respira;
Deixam de namorar-se os passarinhos,
Para me ouvir chorar ao som da lira.*



SABIA QUE...

A Rainha Santa Isabel mandou construir a Capela do Senhor Jesus do Milagres e o Convento de S. Domingos ou das Donas Emparedadas no interior da cerca do castelo.

O castelo, no último século e meio da Idade Média, era um complexo "residencial" muito utilizado pelos monarcas. Em meados do século XV contava mesmo com a presença de um "paceiro" no local.

D. Isabel, filha de D. Filipa de Lencastre, não aceitou reparos dos magistrados concelhios pelo facto de ela passar alvarás obrigando-os a dar roupas e pousadas a gafos que, para aquela região, eram levados pelo administrador das gafarias e hospitais das suas terras.

O aqueduto da Usseira mandado construir por D. Catarina de Áustria tem 6 km de comprimento.

As pinturas do retábulo de Santa Catarina são de Josefa d'Óbidos e foram executadas em 1661, depois de o retábulo ter estado cerca de 30 anos sem telas, por razões desconhecidas.

A condessa Luísa Guerra, camareira da Rainha D. Maria Ana de Áustria (mulher de D. João V), está sepultada na Igreja da Misericórdia. Morreu em 1748.

Que a canalização nova, em chumbo, mandada colocar pela Rainha D. Maria I, teve de ser substituída por ter rebentado assim que foi colocada a funcionar.

das primeiras vilas a resolver as sempre complexas questões de pavimentação de ruas e a ter um serviço público de limpeza de ruas, passa também a ser uma referência ao nível do abastecimento público de água.

O investimento mantém-se nos séculos posteriores, pois, em 1792, D. Maria I mandou construir uns novos olhos-de-água, reformular a canalização da rua direita e construir o chafariz, fora do postigo de baixo, onde, numa epígrafe, fez questão de destacar o carácter público da sua intervenção. Terá sido a última rainha a manter uma relação forte com a vila, que

apenas por mais 42 anos continuaria a pertencer à Casa das Rainhas.

O carácter vincadamente



Portal da Igreja de Sta. Maria

real e o estatuto que historicamente conquistou como uma das praças mais imponentes e cativantes de Portugal foi devido a este cuidado ou sensibilidade tutelar de sucessivas rainhas. A importância histórica das Rainhas de Portugal, cuja história está ainda por fazer, cruza-se sistematicamente com Óbidos. A história de Óbidos e a da sua relação com a realeza tem nas rainhas as protagonistas principais. Para estas, a vila foi quase tudo: lugar de exílio, de festas, de afirmação do seu poder, ou, simplesmente, refúgio e encanto do mais vivo património português.

BIBLIOGRAFIA

- CÂMARA, Teresa Bettencourt. Óbidos - Arquitectura e Urbanismo. Séculos XVI e XVII. Câmara Municipal de Óbidos e Imprensa Nacional da Casa da Moeda. Estudos Gerais, Série Universitária.
- GONÇALVES, Iria. O Património do Mosteiro de Alcobaça nos séculos XIV e XV. Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1989.
- GORJÃO, Sérgio. O Foral Manuelino de Óbidos. Câmara Municipal de Óbidos, 1999, p. 12.
- Memórias Históricas e diferentes apontamentos, acerca das antiguidades de Óbidos. Câmara Municipal de Óbidos, 2001.
- MONTEIRO, João Gouveia. Os Castelos Portugueses dos Finais da Idade Média. Edições Colibri e Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Lisboa, 1999, p. 47.
- SILVA, Manuela Santos. A Vila de Óbidos. Assírio e Alvim, 1998.
- SILVA, Manuela Santos. A Região de Óbidos na Época Medieval. Coleção PH – Estudos e Documentos. Caldas da Rainha: 1994.
- SILVA, Manuela Santos. Óbidos, terra que foi da rainha D. Filipa. in A Região de Óbidos na Época Medieval

CIRCUITOS TEMÁTICOS

Óbidos como Experiência de Conhecimento. É esta a nossa proposta baseada numa relação de troca entre quem comenta os circuitos e quem deles desfruta. O nosso princípio também é claro, gostaríamos que cada visita representasse um ponto de partida para que procure conhecer melhor a vila em todas as componentes da sua história. Por tudo isto apostámos em formatos informativos ligeiramente diferentes do habitual, com mais texto e mais imagens, tentando fomentar a sua curiosidade, apenas com aquilo que Óbidos tem de melhor. Pequenos passos pelas estreitas ruas da vila irão revelar séculos de enriquecimento artístico, de transformação da vila, de protecção régia, de devoção religiosa e de vivências quotidianas, que transformaram Óbidos nesta experiência única.

CIRCUITOS DISPONÍVEIS

- RAINHAS E OUTRAS SENHORAS
- AMBIENTE HISTÓRICO DE ÓBIDOS
- NO CURSO DAS ÁGUAS
- ÀS ARMAS EM ÓBIDOS
- O AZULEJO EM ÓBIDOS
- A HERANÇA MEDIEVAL
- PINTURA ANTIGA EM ÓBIDOS
- O BARROCO JOANINO DO SANTUÁRIO SENHOR JESUS DA PEDRA

INFORMAÇÕES E MARCAÇÕES:

T. 262 955 561

E-mail: obidospatrimonium@cm-obidos.pt

www.cm-obidos.pt

Projecto co-financiado pela União Europeia

